

ENSAIO DE ENCERRAMENTO



Capitu, a identidade e a engenhosidade feminina

Aurora Bernardini¹

Universidade de São Paulo

Comemorando a reedição das obras completas de Machado de Assis com a releitura de Dom Casmurro, aos 115 anos de sua morte (leio na Folha de 5/11/23), não consigo reprimir o impulso de rever, eu também, o comportamento de Capitu à luz dos conceitos de identidade, tão em voga atualmente.

Valho-me, para começar, de uma página (239) do magistral *Machado de Assis de Lúcia Miguel Pereira* (1998) onde ela indaga: “há a ideia central de saber se Capitu foi uma hipócrita, ou uma vítima de impulsos instintivos. Em outras palavras, se pode ser responsabilizada; e por aí entra na galeria machadiana das criaturas dirigidas por fatalidades poderosas e desconhecidas”.

A indagação me leva a uma aula de análise e interpretação de texto que tive o privilégio de assistir com Antonio Candido. Diante das várias interpretações que uma obra de arte permite, cada leitor escolhe a própria em função da impressão mais forte e – muitas vezes – imediata, que a obra lhe provocou. Claro que o passo seguinte é justificar e validar internamente e externamente essa primeira impressão, aparentemente pessoal. *Magister dixit.*

Ao final de Dom Casmurro, sob o impacto de minha leitura, parti do pressuposto de que Capitu agiu, sim, por impulsos instintivos no caso crucial em que ela “traiu” Bentinho, sem ser – porém – deles vítima, mas muito pelo contrário: não fosse pela “fatalidade” do rebento Ezequiel vir a ser a cara de Escobar, essa traição redundaria em benefício para ambos os cônjuges. Fica claro, no romance, que a “traição” não se deveu ao desamor de Capitu em relação a Bentinho, nem à curiosidade sexual ou a uma paixão arrasadora dela em relação ao frívolo Escobar (notório conquistador, junto com a mulher Sancha, que, dentro das liberalidades do casal, se ofereceu a Bentinho). Ao que se deveu então?

A resposta que eu mesma me dei tão logo cheguei ao fim do romance, respondendo à pergunta acima foi imediata: a traição deveu-se ao premente instinto de maternidade de Capitu, diante da possível infertilidade do marido, e são várias as pistas que Dom Casmurro nos dá, no final do romance, do desejo de um filho por parte de Bentinho, incapaz de satisfazê-lo. Segundo Fourier, visto por Calvino no livro citado (p.280),

¹ Professora da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: bernaur2@yahoo.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2559-7080>

o desejo de um filho é uma das quatro paixões do homem: ambição, amizade, amor, paternidade). A paternidade é justamente o que faltava “para coroar a felicidade do casal”.

Um ensaio de Judith Kegan Gardiner (1981) (“*On Female Identity and Writing by Women*”) que me havia surpreendido muito, no começo da década de 1990, publicado na revista *Critical Inquiry*, me forneceu, externamente, outras razões para justificar minha impressão.

Do ponto de vista puramente biológico – ou seja, como diz Italo Calvino em seu igualmente magistral livro *Assunto Encerrado* “... independente de qualquer intervenção redutiva da civilização” – diz Gardiner: “*The female has a specialized role as childbearer. Her biological structure, her unique ‘inner space’, is congruente with this role, and she seeks to fill and to protect this inner space, rather than forge into outward accomplishments. Therefore a young woman spends adolescence looking for the man through whom she will fulfill herself, and the natural stages of identity and intimacy are conflated for her*” (Gardiner, 1981, p. 350). [“A fêmea tem o papel especial de carregar o filho. Sua estrutura biológica e seu ‘espaço interior’ que é típico e único nela, é congruente com seu papel [na sociedade], sendo que ela procura preencher e salvaguardar [o fruto] desse espaço interior, mais do que se esforçar para encontrar outras realizações. Portanto, uma jovem mulher passa sua adolescência procurando o homem por meio do qual ela se realizará nesse sentido, e os estados de identidade e de intimidade [sexual], quando madura, estão combinados, são uma coisa só para ela”].

Justamente, no caso da mulher – reitera Gardiner – esse papel biológico que a leva a procurar quem preencha seu “espaço interno” e a defender o que disso advenha, coincide com seu papel social, ou seja, com o proposto pela “civilização”. Por isso sua identidade é mais estável que a do homem, cujo papel biológico de “semeador” não é bem visto por nossa sociedade (judaico-cristã) que, por sinal, tende a contrariá-lo. Mas, no caso de Bentinho – o narrador nos diz – só um filho faltava para a sua felicidade. O fato é que com o marido, Capitu não concebia. O irresistível do instinto da maternidade/paternidade de ambos os cônjuges leva-a a tentar outro semeador. A semente vinga, mas o fruto se torna aos poucos a imagem de Escobar, que Bentinho não pode aceitar.

Caso, porém, Machado (1839-1908) tivesse nascido um pouco mais tarde, ávido como ele era por leituras e espetáculos teatrais, não teria deixado escapar as peças de um dos dramaturgos mais famosos de seu século, Luigi Pirandello (1867-1936) e, em particular *O enxerto* (Pirandello, 2003), o que lhe teria permitido fazer com que Capitu, sem desmentir a relação com Escobar, convencesse Bentinho que, sem ele, ela não teria concebido Ezequiel e que, portanto, o filho era dele.

Vejam, em breves traços, o resumo da peça.

Laura Banti é vítima de um estupro de um desconhecido que desaparece sem deixar rastros, na Villa Giulia, um parque onde ela ia de manhã cedo, para pintar, perto de Roma, onde vive com o marido Giorgio, há vários anos, sem filhos. Da violência de que foi vítima, ela engravida. No estado de desamparo em que se encontra, retira-se com o marido para a casa de campo em Monteporzio onde, deitada numa espreguiçadeira, vê o jardineiro realizar enxertos nas roseiras do jardim. Ela se interessa pela técnica aplicada e o jardineiro lhe explica que, além do procedimento apropriado, para que o enxerto vingue é indispensável que a roseira esteja *in succhio* (no cio). Ao ouvir os como e os quando da explicação Laura tem como que uma fulguração e consegue convencer o marido de que se ela não tivesse estado *in succhio* por ele, jamais teria engravidado e que, portanto, o filho era dele e não do marginal que não passara de um instrumento.

REFERÊNCIAS

GARDINER, Judith Kegan. On Female Identity and Writing by Women. *Critical Inquiry*, v. 8, n. 2, p. 347-61, 1981. <https://doi.org/10.1086/448158>

PEREIRA, LÚCIA Miguel. *Machado de Assis: Estudo crítico e biográfico*. São Paulo: Edusp, 1998.

PIRANDELLO, Luigi. *O enxerto, o homem, a besta e a virtude*. Tradução de Homero Freitas de Andrade e Aurora Bernardini. São Paulo: Edusp, 2003.

